

Ficha nº15 psicologia

1 Define o objecto da psicologia.

O objecto da Psicologia é o estudo científico do comportamento e dos estados mentais. Podemos definir comportamento como todos os actos e acções observáveis, tudo o que o organismo faz e que se pode observar, como correr e falar. Por outro lado, os estados mentais são os sentimentos, as emoções, as atitudes, os pensamentos, as lembranças. Para conhecer o seu objecto, a Psicologia vai recorrer a vários métodos e técnicas de investigação para recolher e organizar a informação: observação, investigação experimental e também inquéritos, entrevistas e testes. Contudo, a psicologia não se limita a procurar conhecer o seu objecto: tal como as outras ciências, irá descrever, explicar, prever e controlar os comportamentos, os processos mentais e o mundo relacional.

2 As grandes questões sobre o comportamento e o desenvolvimento humanos estão organizados em dicotomias. Enuncia-as.

As várias teorias sobre o comportamento e os processos mentais e o desenvolvimento organizam-se, geralmente, em torno de grandes dicotomias, isto é, ideias com dois pólos ou posições extremas. Uma teoria pode colocar-se num pólo, outra, sobre a mesma questão, pode colocar-se no pólo oposto. Há também teorias que procuram integrar elementos de dois pólos da dicotomia. De entre as dicotomias que atravessam a psicologia, a que se enuncia como inato/adquirido é talvez a que mais debates tem suscitado, reflectindo-se nas outras dicotomias. Os pólos inato/adquirido expressam-se também através de outros termos: hereditariedade/meio, natureza/cultura, natureza/educação, biológico/social. As teorias que se colocam no pólo inato defendem que o comportamento e a personalidade dos indivíduos são fundamentalmente determinados pela hereditariedade. O património genético define a constituição orgânica e psicológica dos indivíduos. As principais características seriam inatas, cabendo à maturação encarregar-se de orientar o crescimento biológico do corpo e o desenvolvimento, segundo determinados programas genéticos. As teorias que se colocam no pólo adquirido defendem que o comportamento e a personalidade dos indivíduos são fundamentalmente determinados pelo meio ambiente, pela aprendizagem. As principais características seriam, assim, adquiridas no contexto da educação, do processo de socialização. A discussão inato/adquirido tem sido

extremada pelo modo como as questões são enunciadas, conduzindo a respostas redutoras. Há comportamentos que são mais afectados pelo pólo inato e outros pelo pólo adquirido, um faz-se sentir mais numa determinada fase, outro noutra fase. As influências são mútuas, interdependentes, condicionando-se, portanto. A dicotomia inato/adquirido relaciona-se com a dicotomia interno/externo. O pólo externo remete para a situação, o meio social, a cultura e a socialização; o pólo interno remete para o corpo, para o biológico, para o psicológico: pensamentos, sentimentos, cognições. Compreender o ser humano nas suas diferentes dimensões passa pelo necessário diálogo entre estes pólos. O que pensamos e o que sentimos reflecte-se no modo como estabelecemos relações com o mundo; por outro lado, o nosso comportamento muda os contextos em que nos movemos. Sentir, pensar, comportar-se, está no interior e no exterior, dentro e fora de nós, em permanente reconstrução. A dicotomia entre continuidade/descontinuidade manifesta-se sobretudo na forma como os diferentes autores procuram explicar as transformações que as pessoas vivem. Centrar a explicação das mudanças na continuidade ou na descontinuidade é perspectivar de forma distinta as mudanças sofridas pelo ser humano, o seu desenvolvimento. A continuidade e a descontinuidade são necessárias para se compreender as mudanças no comportamento, os processos de desenvolvimento humanos. A dicotomia estabilidade/mudança refere-se ao modo como diferentes correntes procuram explicar o comportamento como tendo origem num pólo ou no outro. Os autores que valorizam o pólo mudança são aqueles que se dedicaram sobretudo ao estudo do desenvolvimento da criança e do adolescente, fases em que domina a transformação biológica e psicológica. E se estes dois níveis etários se caracterizavam pela mudança, o estágio adulto distingue-se pela estabilidade. Esta caracterização do estudo adulto está ultrapassada: ao longo da vida, a plasticidade do cérebro, que tem efeitos na vida psicológica dos indivíduos assegura a mudança. Podemos falar de estabilidade e de mudança em todas as dimensões do ser humano. Por exemplo, a personalidade caracteriza-se pela coerência, estabilidade, permanência de características que nos identificam. Se não houvesse estabilidade nem nos reconhecíamos nem éramos reconhecidos. Contudo, a personalidade envolve um processo de construção dinâmica ao longo da vida, logo, de mudança. Todas as dicotomias: inato/adquirido; externo/interno; continuidade/descontinuidade; estabilidade/mudança remetem para a dicotomia individual/social. Remeter para os aspectos individuais, aquilo que cada ser humano é seria limitar o desenvolvimento humano à lógica do desenvolvimento orgânico. O que somos, mesmo do ponto de vista fisiológico, muito se deve à

influência do viver em sociedade. Por outro lado, remeter o comportamento humano, o seu desenvolvimento, e uma influência social linear seria esquecer que cada ser humano para além do património genético único que transporta, tem capacidade para se auto-organizar. A diversidade humana testemunha as diferentes e exclusivas formas de se expressar as componentes sociais e culturais.

3 Quais são as teorias que procuram integrar os pólos: inato e adquirido?

Os autores que se enquadram no pólo inato postulam a existência de diferentes tipos de características inatas básicas que explicariam grande parte dos nossos comportamentos. Por exemplo, Freud afirma a existência de duas pulsões inatas, a pulsão de vida ou *eros* e a pulsão da morte ou *thanatos*. As pulsões de vida visam a autopreservação do indivíduo e as pulsões sexuais; as pulsões de morte estariam na base dos comportamentos agressivos, por exemplo. Estas duas pulsões contraditórias, normalmente equilibradas, explicariam muitos dos nossos comportamentos. De notar que, apesar de a psicanálise defender a existência de pulsões inatas, valoriza as experiências vividas pelos sujeitos, sobretudo as que ocorrem na infância. Um outro autor que enfatiza a componente inata do comportamento é Konrad Lorenz, que considera que o comportamento animal é instintivo, estando as suas condutas predeterminadas no sistema nervoso. Na maior parte das espécies animais existe um conjunto de comportamentos estereotipados, que não variam e que são característicos da espécie, que são os instintos. Seriam programas genéticos os responsáveis por respostas como fazer ninhos, a atitude de agressão, os comportamentos sexuais, etc. estando o comportamento predeterminado, só uma pequena parte é deixada à aprendizagem e à experiência. Arnold Gesell é um outro autor que enfatiza o pólo inato, afirmando a existência de uma predisposição natural para o organismo se desenvolver. Os comportamentos sucedem-se numa ordem determinada inalterável, obedecendo a um programa genético. Desenvolvimento e maturação estão predeterminados, o que justifica a afirmação de que as diferenças entre os indivíduos se devem a diferenças inatas. Esta perspectiva de desenvolvimento – abordagem maturacionista – considera irrelevante a influência do meio ambiente. A partir da década de 80, ocorrem grandes desenvolvimentos ao nível da descodificação do genoma humano e das investigações sobre as funções do cérebro. Em 1983, Jean-Pierre Changeux publica o livro *O Homem Neuronal*, em que defende que todo o comportamento humano se pode explicar a partir de circuitos nervosos. Steven Pinker,

reagindo às concepções que defendem um papel determinante do meio e da aprendizagem, expõe no seu livro *Como Funciona o Espírito*, a tese segundo a qual o pensamento se reduz a um conjunto de programas mentais localizados no cérebro e conquistados no decurso da evolução da espécie. O avanço das neurociências corresponde a uma procura progressiva de explicações de muitos comportamentos humanos a partir de mecanismos e características do funcionamento biológico e fisiológico. Comportamentos, pensamentos, emoções e até perturbações mentais teriam origem orgânica. Os autores que defendem o pólo adquirido, procuram ligações entre determinados ambientes e determinados comportamentos. A forma como somos educados e aquilo que aprendemos são responsáveis pelo que somos e pelos comportamentos que manifestamos. Um dos mais destacados autores que defendem estas concepções é Watson. Na explicação do comportamento considera irrelevante a influência da hereditariedade: nós somos o que o meio nos permite ser. Assim, também o nosso desenvolvimento dependia apenas da existência de condições favoráveis. Skinner adopta uma posição em que também faz prevalecer a influência do meio da aprendizagem: o reforço assegura a repetição de um comportamento. Outras teorias, como a da aprendizagem social desenvolvida por Bandura, vêem na observação e na imitação de modelos sociais a origem de muitos comportamentos humanos; aprendizagem por modelagem. Neste processo, os agentes de socialização, como os pais, os professores e outros adultos significativos, funcionam como modelos a imitar. Reconhecem a importância dos meios de comunicação social como agentes de aprendizagem social nas sociedades contemporâneas. Da mesma forma que as teorias centradas no inato, na hereditariedade e na natureza negam a existência de factores sociais e relativos à aprendizagem que sejam determinantes para a explicação das características dos seres humanos e dos seus comportamentos, as teorias focalizadas no adquirido, no meio e na educação negam a existência de factores biológicos, genéticos, que possam contribuir de forma determinante para a compreensão das características e comportamentos manifestados pelos seres humanos. Piaget, procurou integrar os elementos desta dicotomia. Ao propor uma teoria para o desenvolvimento cognitivo, Piaget valoriza quer os factores maturativos quer os factores socioculturais. Diferentemente dos defensores das posições dos dois pólos em discussão, Piaget defende uma posição que não é nem inatista, nem empirista: o sujeito tem um papel activo na construção do pensamento, do conhecimento. Neste processo contínuo intervêm factores biológicos de maturação e factores relativos ao meio, às acções sobre o meio, à transmissão social. A sua

concepção interaccionista e construtivista visa uma síntese possível entre os dois pólos opostos da dicotomia em análise.

4 Mostra que a dicotomia contínuo/descontínuo se relaciona sobretudo com as questões relativas ao desenvolvimento.

A dicotomia continuidade/descontinuidade tem estado muito presente na história da psicologia. Essa ligação relaciona-se com a forma como diferentes autores vêem e explicam as transformações que as pessoas vão experimentando e os modos como vão determinando as suas maneiras de ser, de pensar e de se comportar. As perspectivas mais centradas na continuidade e as mais centradas na descontinuidade produzem diferentes compreensões sobre as mudanças que ocorrem na vida de cada um.

Na sua definição mais elementar, a noção de continuidade diz respeito aquilo que continua a existir de modo semelhante ao que existia antes. Por exemplo, durante os quatro primeiros anos de escolaridade, tivemos sempre a mesma professora e os mesmos colegas: houve nessa característica da nossa escolaridade uma continuidade observável.

A noção de descontinuidade aponta para aquilo que não se mantém o mesmo, que não continua o mesmo. Envolve a noção de mudança abrupta ou o aparecimento do que não existia antes e passa a existir. Quando passamos do quarto para o quinto ano de escolaridade, pudemos observar e sentir uma descontinuidade na nossa escolaridade: no 1º ciclo tínhamos um professor para todas as áreas de estudo, no 2º ciclo passamos a ter diferentes professores para diferentes disciplinas. Houve não um aumento gradual de um para dois, depois três professores, mas uma mudança abrupta de um para dez professores.

5 Qual a importância de Wundt na construção da psicologia como ciência autónoma.

Wundt procurou constituir a psicologia como ciência autónoma, definindo como o seu objecto a experiência consciente. O objecto de estudo de Wundt era a consciência, os processos mentais. Partilhava com os empiristas e os associacionistas do século XIX a convicção de que a consciência era constituída por várias partes distintas e que se deveria recorrer à análise dos elementos mais simples. Tal como os átomos constituem as substâncias químicas, as sensações seriam os elementos simples da mente e da consciência. No entanto, não aceitava que os elementos constitutivos da mente se combinassem de forma passiva através de um processo mecânico de associação. E aqui diverge dos empiristas e dos associacionistas, com quem só partilha o reconhecimento dos elementos simples como forma de se poder conhecer os processos psicológicos complexos. Para Wundt, os elementos da consciência não eram estáticos: a consciência tinha um papel activo na organização do seu próprio conteúdo. Existiria como que uma força de vontade em organizar os conteúdos da consciência em processos mentais superiores. Era este processo activo de organização que mais interessava Wundt. Ele considerava que era compatível o reconhecimento dos elementos simples da consciência e a afirmação de que a mente consciente tem uma capacidade para proceder a uma síntese desses elementos em processos cognitivos de nível mais elevado. Por isso, a metodologia a seguir deveria partir dos elementos básicos dos processos conscientes, identificar o modo como esses elementos eram sintetizados e organizados em experiências mentais complexas e determinar as leis que orientavam este processo.

6 A afirmação da existência do inconsciente por Freud revolucionou a concepção do Homem. Explica porquê.

A experiência com Charcot e sobretudo com Breuer leva Freud a concluir que não é possível compreender muitos aspectos do comportamento humano, designadamente certas patologias, se só se admitisse a existência do consciente. A ideia de que o ser humano é racional e que através da introspecção conheceria o fundamental de si próprio – a consciência – vai ser negada por Freud. Para se compreender o ser humano, tem de se admitir a existência do inconsciente, que define como uma zona do psiquismo constituída por desejos, pulsões, tendências e recordações recalcadas, fundamentalmente de carácter sexual. Freud apresenta em dois momentos duas interpretações do psiquismo da mente humana: a primeira e a segunda tópica. Freud

distingue no nosso psiquismo instâncias, isto é, estruturas organizadas que incluem sistemas. Na primeira tópica recorre à imagem do icebergue: o consciente corresponde à parte visível, enquanto o inconsciente corresponde à parte invisível, submersa, do icebergue. O inconsciente é uma zona do psiquismo muito maior por comparação com o consciente e exerce uma forte influência no comportamento. Ao consciente, constituído por imagens, ideias, recordações, pensamentos, é possível aceder através da introspecção. Os materiais inconscientes, que não são acessíveis através da auto-análise, tendem a tornar-se conscientes. Contudo, há uma censura que impede este acesso às pulsões e desejos inconscientes, recalcando-os. O recalçamento é um mecanismo de defesa que devolve ao inconsciente os materiais que procuram tornar-se conscientes. A partir de 1920 apresenta a segunda teoria sobre a estruturação do psiquismo, que é constituído por três instâncias: id, ego e superego. O id é uma zona inconsciente primitiva, instintiva, a partir da qual se forma o ego e o superego. Existe desde o nascimento e é constituído por pulsões, instintos e desejos completamente desconhecidos. Está desligado do real, não se orientando, portanto, por normas ou princípios morais, sociais ou lógicos. Rege-se pelo princípio do prazer, que tem como objectivo a realização, a satisfação imediata dos desejos e pulsões. Grande parte destes desejos é de natureza sexual. O id é o reservatório de libido, energia das pulsões sexuais. O ego é a zona fundamentalmente consciente que se forma a partir do id. Rege-se pelo princípio da realidade, orientando-se por princípios lógicos e decidindo quais os desejos e impulsos do id que podem ser realizados. É o mediador entre as pulsões inconscientes e as exigências do meio, do mundo real. Tem de gerir as pressões que recebe do id e as que recebe do superego. Forma-se durante o primeiro dia de vida. O superego é a zona do psiquismo que corresponde à interiorização das normas, dos valores sociais e morais. Resulta do processo de socialização, da interiorização de modelos como os pais, professores e outros adultos, É a componente ética e moral do psiquismo. Pressiona o ego para controlar o id. O superego forma-se entre os 3 e os 5 anos.

7 Watson tem um papel decisivo na construção da psicologia como ciência. Descreva os principais contributos.

A preocupação central de Watson foi demarcar-se com a psicologia tradicional, que tinha por objecto o estudo da mente, da consciência, através de introspecção. Declara

a necessidade de a psicologia se constituir como ciência autónoma e objectiva, uma ciência natural e experimental. Embora não negando os estados mentais e a consciência, considera que não se podem constituir como objecto de estudo da psicologia. São constituintes da vida pessoal de cada um, mas não objecto de uma ciência.

É precisamente em termos estímulo-resposta que Watson orienta a sua concepção: para ter o estatuto de ciência rigorosa e objectiva, a psicologia terá de definir como objecto de estudo o comportamento. Ora, o comportamento é o conjunto de respostas (R) de um individuo a um estímulo (E) ou a um conjunto de estímulos (situação). O objectivo desta corrente (que se designa por behaviorismo, comportamentalismo ou condutismo) é estabelecer as relações entre os estímulos e as respostas, entre causas e efeitos, como qualquer outra ciência. O comportamento +e o conjunto de respostas objectivamente observáveis determinadas pela situação (conjunto de estímulos) do meio físico ou social. Pode ser objectivamente observado e quantificado manifestando-se através de movimentos musculares e secreções glandulares. Pode ir desde um simples acto reflexo, como afastar a mão de uma agulha, a actos mais complexos, como ler, escrever, etc.

Seguindo o processo de investigação de outras ciências, preconiza que se parta da análise dos comportamentos mais simples para se compreender os mais complexos. Dado que os comportamentos mais elementares são comuns nos seres humanos e nos outros animais, é possível tirar conclusões frutuosas a partir do desenvolvimento de pesquisas em animais. O esquema explicativo estímulo-resposta pode ser aplicado a todos os comportamentos.

Cabe à psicologia observar, quantificar, descrever o comportamento enquanto relação causa e efeito, mas nunca interpretá-lo. Tal como noutras áreas científicas, o objectivo seria enunciar leis; no caso da psicologia, leis do comportamento a partir do estudo da variação das respostas em função dos estímulos. Conhecido o estímulo, seria possível prever a resposta, e vice-versa.

8 Piaget contribuiu para a compreensão do desenvolvimento cognitivo do ser humano. Explica.

Na década de 20, a psicologia está dominada por duas correntes, que se opõem: o gestaltismo, que defende que o cérebro contém estruturas inatas que determinam o modo como o sujeito organiza o mundo e as aprendizagens, e o behaviorismo, que considera o sujeito como determinado pelos condicionalismos do meio. Para os primeiros, os conhecimentos são inatos; para os outros, são adquiridos por estímulos do ambiente. Piaget vai afastar-se das posições extremadas das duas correntes, propondo um novo modelo explicativo: o sujeito constrói os seus conhecimentos pelas suas próprias acções. A inteligência é, assim. Produto de um processo de adaptação, no qual interagem as estruturas mentais e a influência do mundo exterior: as estruturas da inteligência são produto de uma construção contínua do sujeito em interacção com o meio. Piaget defende uma posição interaccionista: o sujeito é um elemento activo no processo de conhecer, isto é, é um elemento decisivo nas mudanças que ocorrem nas estruturas do conhecimento, da inteligência. Assim, o conhecimento depende da interacção entre as estruturas inatas do sujeito e os dados provenientes do meio. Este processo interactivo desenvolve-se por etapas, que Piaget designa por estádios de desenvolvimento. Esta concepção construtivista e interaccionista de Piaget supera a dicotomia inato/adquirido que marca a história do pensamento.

9 António Damásio integrou as conquistas das neurociências na psicologia. De que modo?

O caso de Phineas Gage, 120 anos depois da sua morte, a partir das descrições do seu médico Harlow, constitui uma abordagem inovadora, na medida em que combina os testemunhos do passado com as mais modernas tecnologias. Damásio e a sua mulher Hanna vão, através de técnicas de imagiologia cerebral, reconstituir a situação da autópsia: a trajectória da barra de ferro e as lesões de Phineas Gage no cérebro. É a relação entre o reconhecimento das lesões e os efeitos no comportamento que leva a equipa de Damásio a investigar situações semelhantes nos seus doentes. Estudam, sobretudo, os danos neurológicos nos sistemas emocionais comparando o funcionamento dos cérebros saudáveis com os cérebros lesionados. É a partir do estudo aprofundado destes casos e baseado em experiências laboratoriais que Damásio elabora a sua teoria. Foi então com base nas neurociências e com diversas

investigações nesta área que Damásio concebeu uma teoria dando assim os seus contributos para a psicologia. A perspectiva interdisciplinar que acompanha as suas investigações e reflexões tem um objectivo: desvendar e compreender o que significa ser humano.

10-“A mente é considerada no conceito central em psicologia porque nos define como humanos”. Concordas com esta afirmação? Justifica.

Sim, pois é também através da mente que temos as capacidades de decidir (que nos define como humanos), por exemplo. António Damásio rejeita a teoria do dualismo-mente corpo, considerando que a mente seja uma produção do cérebro. É através da mente, que é alicerçada pelas emoções, sentimentos e razão que se relacionam intimamente, que integramos os processos cognitivos e a capacidade de decidir, bem como a consciência de si próprio. Desta forma, pode-se considerar que a mente nos acaba por definir como humanos. As emoções e os sentimentos são como que orientadores, guias internos que nos permitem sentir os estados do corpo (e, assim, sentimos prazer ou dor, alegria ou tristeza, desejo, felicidade, etc) e são também emissores de sinais que servem de comunicação aos outros. Atendendo à teoria de Damásio se, por exemplo, vemos um cão com ar feroz aproximar-se, esta imagem vai activar o sistema nervoso simpático: o ritmo cardíaco aumenta, a respiração mais rápida, a tensão muscular aumenta, etc. Estas modificações corporais correspondem a uma emoção a que chamamos medo. Assim, Damásio encara o organismo como uma totalidade em constante interacção com os meios exterior e interior: o corpo, o cérebro e a mente agem em conjunto, porque são uma realidade única. É esta realidade, onde se inclui a mente, que nos definimos como humanos.